

# INCLUSÃO: Retocar o Sonho que dita o Caminhar

**Maria José de Jesus Camacho**

Centro de Investigação em Educação da Universidade da Madeira (CIE-UMa)

mjjcamacho@staff.uma.pt

## Introdução

Como retocar o sonho que dita o caminhar se são incertos os tempos (que vivemos)? Se são inseguros os caminhos (que trilhamos)? Se são vacilantes os discursos (que nos chegam)? Se são efêmeras as novidades (que nos ocupam)? Uma coisa é real: estamos vivos!

A veemência desta certeza move-nos para uma ação, que se quer responsável, assertiva e profícua, na medida em que ela nos impele, antes de tudo, a olhar o mundo, na ótica de o retratar, na sua singularidade e diversidade, de o interpretar nas suas potencialidades e fragilidades, de o compreender, nos seus anseios e finalidades para, depois, o podermos imiscuir na gênese e no discernimento do nosso agir quotidiano.

Eis-nos em 2021, ano terrivelmente atípico para a Humanidade. Embora envolvidos no desassossego em que a COVID19 nos mergulhou, nós, que prosseguimos o desafio da educação, temos a dita de estar aqui e de poder celebrar o centésimo aniversário do nascimento de Paulo Freire, pedagogo da Esperança, da Alegria, do Sonho, da Utopia. De mãos dadas com ele, urge que revisitemos e atualizemos as mundividências que o mesmo percepcionou, discutiu e vivificou, para delas podermos absorver energia vital, suscetível de estaquear o desafio da Educação.

Porque não temos dúvidas de que a inclusão almeja tornar-se dimensão imanente e inabalável, na sociedade e nos ambientes educativos, reiteramos o pensamento de Paulo Freire quando afirma: “O que me parece fundamental, no que diz respeito às diferenças, é o testemunho, por um lado, de que é possível pensar sem prescrições, não só possível, mas sobretudo necessário, e, por outro, que é factível aprender sob o desafio de diferentes formas de ver o mundo” (Freire, 2000, p. 56).

Enquanto partilhava uma das suas histórias, Paulo Freire dizia: “Do topo de uma elevação divisávamos todo um mundo a ser construído de forma diferente [...]” (Freire, 2002, p. 199).

A frase supramencionada é, em simultâneo, convite e manifestação de que a vida e obra de Paulo Freire, se apresentam arquitetadas em alegria, sonho, aspiração e utopia, porque “É possível vida sem sonho, mas não existência humana e História sem sonho” (Freire, 2000, p. 17).

Sim! Ao percorrermos os seus escritos e itinerários, longe de nos encontrarmos

perante alusões a um ato de sonhar passageiro, volátil ou ocasional, deparamo-nos com sonhos encorpados de uma profícua proatividade, onde se inscrevem o devir, o possível, o objeto de luta, de conquista e de significado vital, inerente ao ideal educativo que o autor prosseguiu, ao longo de toda a sua existência.

Celebrar o centenário do admirável Pedagogo Paulo Freire, acertar o passo com o seu ideal educativo e calcorrear os trilhos sulcados pela inclusão, ao longo dos tempos, remete-nos para a imperiosa necessidade de alvoroçar o presente, o passado e o futuro, norteados pela bússola de um olhar inquieto que, ao jeito de Freire, nos torne capazes de contemplar o mundo, de o captar, de o interpretar, de o interiorizar e de o absorver para, sobre ele e com ele, podermos agir em conformidade, nas suas múltiplas circunstâncias.

No seu livro *Pedagogia da Esperança*, Paulo Freire revela-nos que “[...] a prática educativa de opção progressista jamais deixará de ser uma aventura desveladora, uma experiência de desocultação da verdade [...]” (Freire, 2002, p. 9). Neste sentido, ainda que incitados pelo autor para que o acompanhem na indagação e na descoberta do conhecimento, sentimos que, deitar mão à tarefa de o perscrutar, interpretar e parafrasear, na tentativa de embutir o alcance das suas ideias no conceito vivo e dinâmico que a inclusão requer, tem tanto de ousadia, quanto de arriscado.

Ainda assim, não quisemos deixar de nos oferecer este exercício, na medida em que Freire nos patenteia com uma magnânima, interpelante e atualizadíssima ode à diferença e aos diferentes, não para nela registar ou enfatizar discriminação e marginalização, mas para a transformar em elo catalisador da singularidade, da diversidade, da identidade e da complementaridade que estabelecem o arco-íris da Humanidade, de que nos orgulhamos de fazer parte.

## 1. Incluir é compreender

Com origem no Latim, a palavra *comprehendere*, significa “abarcар em si mesmo”. Daqui decorre o seu dinamismo que, quando emprestado à ideia de inclusão, não pode ser conjugada na ausência de compreensão.

Neste horizonte, Freire transporta-nos, a partir das suas diferentes obras, à génese de um ato educativo, tecido e impregnado de vidas vividas, de vidas sentidas, de vidas sonhadas, de vidas ameaçadas, de vidas sofridas, de vidas conquistadas, de vidas partilhadas, de vidas desveladas. Vidas de pessoas reais, com histórias reais, aspirando ser olhadas e compreendidas. Vidas, nas quais, “Os momentos que vivemos ou são instantes de um processo anteriormente iniciado ou inauguram um novo processo de qualquer forma referido a algo passado [...]” Paulo Freire (2002, p. 28).

De facto, esta nossa viagem rumo ao pensamento do autor supracitado, revolteou ideias e pressupostos, avocou protagonistas, lugares e acontecimentos, harmonizando o ontem-hoje-amanhã, na cadência do ser, do saber e do sentir.

Aos poucos, fomos invadidos pela sensação de que os caracteres dos livros se desprendiam do seu criador e vinham pincelar e ressignificar aquilo que vivêramos,

ao longo de 40 anos, dedicados à causa da educação, em distintos momentos, desempenhos e papéis.

O redemoinho de ideias, acerca da educação e da aprendizagem, burilado pelas leituras e pela revisitação de percursos, foi desencadeando, paulatinamente, memórias, pensamento crítico e questionamento: o que fizemos? Porque o fizemos? Com quem o fizemos? E... quem somos nós, agora, após termos granjeado encruzilhadas, no firmar de passos nos caminhos, que nos conduziram ao encontro de extraordinários professores, educandos, colegas, amigos, famílias?

“Ninguém deixa seu mundo, adentrado por suas raízes, com o corpo vazio ou seco. Carregamos connosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história” (Freire, 2002, p.32), em todo este processo, a compreensão da realidade (que nos envolvia e que envolvia os educandos e as suas famílias) constituíram-se em ponto de partida e de chegada para o ato de educar já que, compreender a história de vida de cada educando, supôs a abertura de portas e o incitamento a que percorrêssemos, em reciprocidade, os recantos do seu interior, rumo ao conhecimento das marcas, das aspirações e das potencialidades.

As “tramas da vida” fizeram-nos, a dada altura, abraçar a causa da educação especial, onde o genuíno reconhecimento do outro, na sua singularidade e pluralidade foram determinantes para que repensássemos, reajustássemos e envolvêssemos, em inovadoras roupagens, toda a nossa práxis educativa.

E, neste sentido, a retrospectiva torna presente um episódio vivo de um dos nossos educandos: J.M., síndrome de Down, gêmeo de outro menino, frequentava com este a catequese, na sua paróquia. Chegado o dia da primeira comunhão, aquela mãe de 20 filhos, ainda que tendo sido avisada de que “o deficiente” não poderia receber o sacramento, sabendo-se incapaz de segregar um deles, aperaltou-os, aos dois, com um traje festivo e apresentou-se na igreja.

Depois de percorrer direitinho, ao lado do irmão gêmeo, a fila que o conduzia ao sacerdote para o ato em questão, chegada a sua vez, diz quem viu, que J. foi afastado, tendo-lhe sido rejeitada a toma da hóstia. De regresso ao banco, escondendo o sentimento que experimentava, em silêncio, enxugava as lágrimas que escorriam pelo rosto da mãe.

Só quando compreendemos podemos decidir, ajustar, mapear, escolher, agir e igualar as oportunidades dedicadas aos educandos.

## 2. Incluir é acolher

O pragmatismo de uma compreensão ativa e vivificante conduz, necessariamente, ao acolhimento mútuo entre educandos e educadores, na perspectiva de que cada um possui, dentro de si, abundância de hipóteses e de expectativas, suscetíveis de sustentarem a busca que conduz ao conhecimento, asserção patenteada por Freire, quando declara, com veemência, a ideia de “sujeito em busca”, na qual, a supremacia das possibilidades suplanta a exiguidade do determinismo.

Para além disso, o ato de acolher supõe “[...] a conquista de um espaço, o da sua dignidade, no respeito dos outros” (Freire, 2000, p.27). Esta premissa transporta-nos até 1989, trazendo à memória um educando, 9 anos de idade, recém-chegado a uma instituição de educação especial e proveniente de uma escola do ensino regular, que já esgotara as medidas para o ensinar, sem sucesso.

Certo dia, D., após um tempo de recreio, em vez de acompanhar os colegas e adultos, no regresso à sala, ágil, que nem um gato, subiu ao cocuruto de uma árvore e, de sorriso irónico em riste, disposto a apreciar o nosso juízo perante a sua desobediência, punha-nos à prova e olhava cá para baixo, expectante. Apesar do pouco tempo de contacto, já tinha dado para perceber que existia nele uma auto estima vilipendiada que, resistindo ao conformismo, desafiava tudo e todos.

Cá de baixo, ensaiámos um convite: desce, D.! Tenho uma reunião e queria que ficasses na sala a ser “o professor”, juntamente com a E. Afastámo-nos, dirigindo-nos para a saída do recreio e olhando, de soslaio, apercebemo-nos de que D. já deslizava pelo tronco e, à distância, entre cautela e incredulidade na proposta que lhe fizéramos, questionava: “É verdade? Vou ser o pessôr”? E, sim, promessa cumprida, deixámos que desempenhasse o papel de líder dos colegas, aos quais tinha capacidade de ajudar. E, D., para quem as salas eram demasiado exíguas e, quiçá, castradoras dos seus amplos horizontes e necessidades, sentiu-se acolhido e ganhou gosto em estar, em aprender, em aderir.

Pouco a pouco, acolhemo-nos e conquistámo-nos, mutuamente, na aventura da aprendizagem, ao ponto de, passado um tempo, em vez de fugir para o cimo das árvores ter declarado: “quando eu for grande vou casar...” (com este começo imaginámos que fosse dizer que seria connosco) prosseguiu, determinado: “[...] vou casar e vou morar na casa da professora, a minha mulher fica em casa a fazer a vida, eu vou trabalhar e à noite eu venho”.

Terá sido esta a dimensão com que Freire nos brinda quando refere que o ato educativo é “transformar o ao (educando) em com (o educando)”?

**Só quando acolhemos podemos aceitar, acompanhar, construir e efetivar o sentido de pertença dos educandos.**

### 3. Incluir é emancipar

Freire é exímio no valor que atribui à eleição e ao culto da liberdade e da conscientização, enquanto sentido profundo da tomada de consciência dos nossos contributos, enquanto fazedores de mundo e de vida, junto dos nossos educandos. Diz o autor:

“Daí a necessidade de uma educação corajosa, que enfrentasse a discussão com o homem comum, de seu direito àquela participação. De uma educação que levasse o homem a uma nova postura diante dos

problemas de seu tempo e de seu espaço. A da intimidade com eles. A da pesquisa, ao invés da mera, perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições mesmas de vida. A educação do “eu me maravilho” e não apenas do “eu fabrico” (Freire 1967, p.93).

Este pensamento voltou a reavivar a nossa incursão pela educação especial, quando, crentes de que a vida fervilhava para além dos muros estanques da escola, de pedra e cal, nos aventurámos na organização de colónias de férias, algures nas casas florestais situadas nas serras da Madeira, com grupos de educandos da instituição, a que já nos referimos antes. Pretendíamos oferecer, aos meninos, aquilo que, à altura, sabíamos que não tinham nos seus ambientes familiares, desde o conforto material, até à atenção, ao cuidado e ao carinho.

Foi numa destas colónias de férias, vivida no ambiente tranquilo e apaziguador das Queimadas, em Santana, onde passávamos uns dias de Verão que, surpreendentemente, C.A, aluno que trazia, definitivamente impregnadas no corpo, as marcas físicas da violência, de que fora alvo, associadas à falta de cuidados prestados por uma família adotiva desestruturada, onde permanecia enquanto a mãe cumpria uma pena de prisão, nos surpreendeu, quando, apesar da refeição, do banho, das histórias e das canções para adormecer, desatou a chorar, copiosamente, chamando “mãe, mãe, mãe”.

O grupo de jovens educadoras que ali estava, de tímpanos e corações abalados por aquele brado, teve dificuldade em conter a perplexidade. Como era possível? Não só foi possível, como aconteceu: um menino de 8 anos, com distúrbios emocionais graves, que apenas se expressava por diminutas holófrases, deitou abaixo, de uma assentada, algumas das nossas balofas convicções, assentes na ideia de que, connosco, estaria melhor, do que com aquela a quem chamava mãe.

Desse modo, ensinou-nos, com erudição, que as ideias preconcebidas se podem esfumar, num ápice, quando razões plantadas, no mais recôndito e insondável interior de cada ser, se manifestam inadvertidamente porque, acima de tudo “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (Freire 1967, p. 97).

Consequentemente, de lição aprendida, descobrimos que também “Experimentamos, é certo, na travessia que fazemos, um alvoroço na alma, síntese de sentimentos contraditórios [...]” (Freire, 2002, p. 33).

Hoje, admitimos que a contradição desses sentimentos aguçaram a evidência de que, emancipar supõe deixar que educandos e educadores corram riscos e ousem soltar as amarras do *déjà vu*, em direção ao futuro promissor que nos está reservado, sempre que diligenciamos e nos esforçamos, no sentido de o alcançar.

**Só quando emancipamos podemos enquadrar, projetar, aproximar e capacitar os nossos educandos.**

## 4. Incluir é acreditar

Paulo Freire (2000, p. 14) diz-nos que “[...] o direito que temos de ser diferentes [...] e a ser respeitados na diferença” deve presidir às nossas escolhas e modo de vida. Se o pensamento é claro e incisivo todos sabemos, e quiçá já experimentámos, as vicissitudes inerentes ao processo que o mesmo prefigura, ao longo da nossa existência.

Ser diferente, lidar com a diferença e respeitar os diferentes, supõe que acreditemos que, por detrás dos atributos e manifestações, que referenciam essa diferença, existe uma pessoa única e irrepetível, da qual há que extrair passado e presente, para imaginar e compaginar destinos capacitantes e promotores de equidade, porque “Nas relações que o homem estabelece com o mundo há [...] uma pluralidade na própria singularidade” (Freire, 1967, p. 40) e “O caminho para assumir-se como maioria está em trabalhar as semelhanças entre si e não só as diferenças e assim, criar unidade na diversidade, fora da qual não vejo como aperfeiçoar-se e até como construir-se uma democracia substantiva, radical” (Freire, 2002, p.154).

E vem-nos, de novo, à memória G., diagnosticado com autismo, a frequentar o primeiro ano de escolaridade: Após quatro anos de absoluto mutismo em que, nem na família, nem em nenhum dos contextos educativos, alguma vez falara, o facto de chegarmos à escola e podermos, finalmente, conhecer o timbre da sua voz, enquanto soletrava as palavras “Mónica e Nuno”, personagens que presidiam ao método global de leitura que era trabalhado na sala de aula, estremeceu-nos e embeveceu-nos, numa arrepiante emoção.

Para a escrita rejeitava papel e lápis mas, tendo percebido que letras e palavras também se podiam escrever com giz, roubava-o, sorratamente, ao quadro negro da sala e espalhava, com energia e alegria vitais, as palavras que já sabia compor pelo chão cimentado do recreio, apagando, vigorosamente, as que não lhe pareciam bem desenhadas com a sola do seu sapato.

Como não se maravilhar? Como não acreditar que, tal como defende Freire “Não podendo tudo, a prática educativa pode alguma coisa” (Freire, 2000, p. 47)? Por esta e por tantas outras razões, pedagogos que somos, estamos aqui, pedagogos que somos, procuramos alternativas, pedagogos que somos, reatamos o diálogo com a ciência, pedagogos que somos, renovamos o olhar em cada dia, em cada circunstância, em cada educando, fazendo eco daquilo que Paulo Freire, tão bem, sintetizou, estamos perante “O sujeito que, ensinando, aprende e o sujeito que aprendendo, ensina” (Freire, 2000, p. 35).

No entanto, todos sabemos que este itinerário, intrínseco à inclusão, não se apresenta, nem linear, nem estável, nem tão pouco se constrói com prazo estanque ou medida estremada. A flexibilidade é o mote que demanda ensejo de introspeção, de análise, de reflexão e de espírito crítico, patamares indispensáveis ao retemperar de energia renovada e inovadora, que nos relance e incite à edificação de uma ação educativa eficaz, dinâmica e significativa.

Só quando acreditamos podemos dialogar, abranger, promover e estimular os educandos a granjear novos horizontes.

## 5. Incluir é mobilizar

Compreender, acolher, emancipar e acreditar conjugam-se, em complementaridade e dinamismo, com a ação de mobilizar. Mobilizar vontades, mobilizar recursos, mobilizar atores, mobilizar atitudes, mobilizar valores, mobilizar estratégias, mobilizar contextos, mobilizar decisores, mobilizar escolhas.

Tudo isto, “Respeitando os sonhos, as frustrações, as dúvidas, os medos, os desejos dos educandos [...] os educadores têm neles um ponto de partida para a sua ação. Insista-se um ponto de partida e não de chegada” (Freire, 2000, p.16).

Por outro lado, mobilizar a globalidade de tantas dimensões e de tantas pessoas, necessárias e imprescindíveis à causa da inclusão, neste nosso tempo, tão atípico, quanto pródigo em incerteza, insegurança e dúvida, em que, cada vez mais, ouvimos dizer e dizemos: “vou viver o dia de hoje...”, enquanto, inconvictamente, empurramos o futuro para um incógnito lugar, distante e informe, apresenta-se como tarefa hercúlea, a que não podemos virar costas.

E, se as forças nos faltarem, podemos sempre amparar-nos em Paulo Freire quando, pedagogicamente, nos reconforta e anima, ao garantir numa frase escrita em 1967, mas tão imiscuída no nosso presente): “É este choque entre um ontem esvaziando-se, mas querendo permanecer, e um amanhã por se consubstanciar, que caracteriza a fase de trânsito como um tempo anunciador” (Freire, 1967, p. 45).

Não podemos deixar de registrar um apontamento experienciado com uma educanda, oriunda de uma família desestruturada mas que encontrou numa família de acolhimento os horizontes da inclusão. Interessadíssima naquelas que eram as atividades de lazer dos rapazes da turma, observava-os a colecionar e a trocar, entre si, cromos de jogadores de futebol.

Um dia, exclamou feliz: “Eu também tenho uma coleção e não tenho nenhum repetido!” enquanto exibia, triunfante, a sua coleção: fotografias de vários defuntos, que acompanhavam a participação do seu falecimento, meticulosamente recortadas do diário de notícias local.

Daqui deduzimos que, mobilizar supõe acompanhar aqueles que são diferentes, envolvendo-os numa pedagogia ativa e explícita que desmonte a complexidade em ações concretas, motivadoras, significantes e indiciadoras da predisposição que possuem para conhecer, saber e ser, alicerçando a afirmação de uma identidade, promotora da essência e do vínculo entre a realização pessoal e o engrandecimento da sociedade à qual pertencem, na perspectiva de Freire, quando declara: “A curiosidade e a necessidade de saber são universais” (Freire, 2000, p. 57). Estamos perante um “homem que cria, recria e decide” (Freire, 1967, p. 43).

**Só quando mobilizamos sentimentos palpitar, ressoar, prosseguir e realizar, a pujança do sonho que tivermos semeado nos educandos.**

Os pressupostos, oriundos da revisão da literatura e das vivências que aqui apresentamos, manifestam a certeza de que a Inclusão é tarefa inacabada, de ontem e de hoje, que merece ser atualizada e fortalecida entre indagação e resposta, entre teoria e prática, sem nunca perder de vista o ato educativo e os educandos, à luz daquilo que Freire nos aconselha: “De teoria, na verdade, precisamos nós. De teoria que implica uma inserção na realidade, num contato analítico com o existente, para comprová-lo, para vivê-lo e vivê-lo plenamente, praticamente. Neste sentido é que teorizar é contemplar. Não no sentido distorcido que lhe damos, de oposição à realidade. De abstração” (Freire 1967, p.93-94).

Atentos aos ditames da Ciência e sensíveis à realidade de cada educando, sejamos pedagogos da inclusão, dispostos a **retocar o sonho que dita o caminhar** porque, tal como afirmava *Zaratustra*, “(...) **como suportaria eu ser homem, se o ser humano não fosse também poeta decifrador de enigmas e redentor do acaso?**”

## Referências Bibliográficas

Freire, P. (1967). *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra.

Freire, P. (2000). *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. (2.<sup>a</sup> ed.) São Paulo: Paz e Terra.

Freire, P. (2002). *Pedagogia da esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. (9.<sup>a</sup> ed.). São Paulo: Paz e Terra.

Nietzsche, F. (2010). *Assim falava Zaratustra*. Lisboa: Ed. Guimaraes Editores.